



BLUMENAU

em **CADERNOS**

Novembro 1983

Nº. 11

TOMO XXIV

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIV

Novembro de 1983

Nº. 11

SUMÁRIO

Página

Blumenau de ontem e de hoje	270
"Musikkapellen", Festas, Salões, Bailes	284
Autores Catarinenses	287
Um exemplo de escotismo	290
Restauração da casa do Museu teve início	292
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau	292
Câmara Municipal encerra atividades do ano	296
Diário de viagem do imigrante Paul Schwartzler	297
Nossa Biblioteca já está prestando serviços	299

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 2.500,00

Número avulso Cr\$ 200,00 -- Atrasado Cr\$ 250,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 3.000,00 mais o porte Cr\$ 2.000,00 total Cr\$ 5.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Blumenau de ontem e de hoje

Nestor Seara Heusi

Desde muito tempo vinha crescendo em mim um forte desejo: escrever algo sobre Blumenau. É que vivo nesta bonita e acolhedora cidade faz mais de sessenta anos. Vindo de Itajaí, onde nasci, aqui cheguei no recuado ano de 1919, moço de 16 anos. E aqui ainda estou, mercê de Deus, nos meus rijos 80 anos. Tenho, portanto, um montão de coisas para contar. Muitas águas rolaram e “subiram” por baixo e por cima da ponte, no decorrer desse longo período. E para satisfação minha vou, afinal, realizar o meu velho desejo.

Trazendo a lume este modesto e desprezioso trabalho, viso apenas a um objetivo: mostrar o que foi e o que é Blumenau. Daí a razão do seu título. Vou procurar relatar o que me foi dado ver e observar nesses longos 64 anos de minha permanência em Blumenau.

Todavia, quero deixar bem claro que tudo o que vou aqui relatar está calcado, exclusivamente, naquilo que a minha memória guardou.

Começarei falando sobre as várias alterações físicas que sofreu o nosso município e as quais vieram se processando paulatinamente, a partir de 1930.

Blumenau hoje um dos menores, se não o menor município do Estado, com os seus pouco menos de 500 quilômetros quadrados, já foi um dos maiores. Se bem me lembro, vinha logo depois de Chapecó e Lajes.

Dele saíram — pasmem — mais de vinte novos municípios!

Ao se iniciar, em 1930, essa então considerada espoliação provocou ruidoso e ostensivo movimento de protesto. Sob a legenda de “Blumenau Unido”, organizaram-se vibrantes passeatas populares. Bandeiras, faixas e cartazes com dizeres bastante agressivos, eram empunhados pelos ardorosos contestantes.

O primeiro pedaço que lhe foi arrebatado resultou na criação do município de Rio do Sul, cuja alentada fatia compreendia o então distrito de Rio do Sul e Taió. Isto em 1930.

Posteriormente, porém, à medida que essas retalhações iam se sucedendo, — já agora, de cabeça fria — dava-se conta o blumenauense de que a iniciativa governamental era não um “lesapátria” — permitam-me a expressão — porém um ato de alto alcance, quer sob o ponto de vista da nacionalização, quer ainda sob os aspectos social, político, econômico e administrativo. Em outras palavras, fora encontrada a fórmula ideal! A bruxa se transforma em fada.

Se não vejamos. Cada desmembramento — óbvio é — redundava na criação de um novo município, o que vale dizer de uma nova célula, geradora de um maior e melhor desenvolvimento do processo evolutivo, tanto social, como político e econômico,

com influência direta e sadia sobre a nacionalização.

Destarte, com esses sucessivos desmembramentos, foi-se diluindo a vastidão territorial do município de Blumenau, que está reduzido hoje, praticamente, à sua área urbana. E é importante se assinalar, neste atual “pequeno município de Blumenau”, ficou a nata, ou seja, o que de melhor proveio de quase todo o desenvolvimento, que se vem operando através desses 133 anos de sua existência.

Inferre-se, portanto, que a sua receita orçamentária terá de bastar à prática de uma administração sem maiores percalços econômico-financeiros e, “ipso-fato”, contribuirá para o embelezamento e melhoria da cidade, trazendo ademais, como natural corolário, vantagens de natureza política e social.

Bem haja, pois, essa famigerada fragmentação, que se inaugurou sob tão maus augúrios...

Feitas essas considerações de ordem geral, que reputo oportunas e pertinentes, passo ao enfoque dos fatos e das coisas que julgo possam retratar “Blumenau de ontem e de hoje”. Isto a partir de 1919, ano em que aqui cheguei.

Antes, porém, quero ainda dizer que foi nesta terra generosa e boa que vi passar os melhores anos de minha vida, que vão da adolescência à minha velhice. Aqui eu me realizei existencial, profissional e economicamente. Pois que aqui me casei e vi nascerem todos os meus filhos e quase todos os meus netos e bisnetos. E, de degrau em degrau, fui alcançando as posições compatíveis com as minhas aptidões.

A Blumenau, portanto, deixo, aqui registrados o meu reconhecimento, a minha estima e o meu apreço.

Falarei primeiro sobre o seu rio. Ele que é “hoje” apenas um atrativo a mais na apazibilidade das belezas naturais que nos cercam, foi “ontem”, nesse passado de mais de sessenta anos, o fator principal do desenvolvimento e do progresso de Blumenau, por isso que a via de comunicação mais importante, se não única, para o transporte das mercadorias e das pessoas, rumo ao porto de Itajaí e vice-versa.

Dia após dia, num vaivém constante, o nosso valente e prestimoso vaporzinho “Blumenau”, — o nosso tão popular “caixa-de-rodas”, pois que a sua propulsão se fazia por meio de rodas laterais providas de fortes pás de ferro, — efetuava regularmente o transporte de pessoas e cargas entre Blumenau e Itajaí.

Ao leme, com o seu indefectível cachimbo preso aos lábios, o nosso tão estimado comandante Gustav Hacklaender, e no comando das máquinas Josef Gall, essa figura tão conhecida e interessante. Ambos muito simpáticos e prestativos, desfrutavam de grande popularidade, gozando da estima de todos.

A reboque do valente vaporzinho, o nosso incansável São Cristóvão, uma fila considerável de lanchas, peruas e chatas abarrotadas de mercadorias exportadas e importadas por Blumenau, via Itajaí. Esclareça-se que o navio, além de confortáveis acomodações para os seus passageiros, dispunha de um porão de regular tamanho para o transporte de

cargas. É interessante se diga também que ditos passageiros, em sua grande maioria, demandavam as cidades de Florianópolis, Santos e Rio de Janeiro, utilizando-se, em Itajaí, dos pequenos navios da Empresa Hoepcke, que portavam os nomes das filhas e filhos do seu fundador Carl Hoepcke: "Ana", "Meta" e "Max". E muitos desses viajantes prosseguiam, dali, as suas viagens para fora do Brasil. Fazia também esse serviço de cabotagem, apenas porém entre Itajaí e Florianópolis (antiga Desterro), o navio "Richard Paul", bem menor do que os anteriormente citados, e que pertencia à Empresa de igual nome, ou seja, do seu titular. Este pequeno navio, sempre que o nível das águas do Itajaí o permitiam, vinha até Blumenau.

Agora, o outro lado da medalha, e triste é dizê-lo, é esse mesmo rio, bonito e sinuoso, que, vez por outra, — ultimamente, aliás, com certa frequência — deixa o seu leito e — ai de nós! — causa susto, temores e prejuízos a uma porção considerável da população e aos governos municipais de Blumenau e de quase todo o Vale. Felizmente, porém, por força dessa habitualidade, a população já se acostumou a conviver com essas enchentes. E — diga-se de passagem — para a gente jovem elas se constituem em folia e diversão.

Baixadas as águas, o que, via de regra, ocorre com a mesma rapidez com que sobem, todos, em verdadeiro mutirão, arregam mangas e calças e no espaço de um, dois dias a cidade, limpinha, como que saída de um gostoso banho, volta à sua normalidade.

O antigo, grande município de Blumenau foi, durante muitos anos, servido pelo serviço ferroviário, que lhe era prestado com grande proveito pela Estrada de Ferro Santa Catarina, e — vale salientar — exclusivamente sua. De etapa em etapa, durante um largo espaço de tempo e sob regimes administrativos diferentes, a nossa estradinha, a duras penas, alcançou o porto de Itajaí, saindo assim do seu isolamento, isto é, do seu âmbito estritamente municipal. E isto depois de já haver penetrado o hinterland, ou seja, quase todo o Vale do Itajaí, até um pouco além da localidade de Trombudo Central, num percurso de cerca de 200 quilômetros.

Até 1918, logo após o término da Primeira Guerra Mundial, foi ela administrada pela empresa alemã que a construiu de Blumenau à estação de Hansa, numa extensão de pouco mais de 60 quilômetros. A partir de então, foi encampada pelo Governo da União, que construiu os demais prolongamentos, a que acima me referi. Posteriormente, o Governo Federal a arrendou ao Estado de Santa Catarina.

Em 1919, foi igualmente encampada pela União e incorporada à Estrada de Ferro Santa Catarina, a Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajaí-Blumenau.

Agora, atentem bem, — depois de tanto esforço, de tantas dificuldades e trabalho, durante muitos e muitos anos, — a triste verdade. No dia 13 de março de 1971, o Governo Federal, sem mais aquela, houve por bem determinar, pura e simplesmente, a paralisação do tráfego, ou melhor dito, a erradicação da Estrada de

Ferro Santa Catarina, que tão relevantes serviços vinha prestando ao Vale do Itajaí, uma das regiões mais ricas e prósperas do Estado de Santa Catarina. E isto sob a fragilíssima alegação de que vinha causando deficit aos cofres da União. Uma gota d'água, em cotejo com os prejuízos vultosos de uma grande maioria das empresas ferroviárias do país e de uma apreciável parcela de outros empreendimentos públicos. Com a agravante, ainda, de que todo esse precioso e não pequeno patrimônio aí já abandonado, perdido, mostrando o fim, a morte de um grande, importantíssimo e sobretudo futuro empreendimento, conquistado com tanto sacrifício e que representava fator de alta preponderância para o progresso e a economia do Estado de Santa Catarina e da sua gente laboriosa e ordeira.

Hoje — face à inflação galopante provocada, principalmente, pela alta astronômica do preço do petróleo e seus derivados, cujo consumo ocasiona uma evasão considerável das nossas preciosas divisas, visto como a nossa auto-suficiência petrolífera é de apenas 50% da totalidade do nosso consumo — os homens do governo, responsáveis pela desastrosa iniciativa determinante da erradicação da nossa utilíssima e eficiente estradinha, devem estar sentindo na carne amargo arrependimento. Sim, pois que ela, a “nossa” ferrovia, além de dar o pão de cada dia a um número apreciável de criaturas, transportava barato e não consumia divisas.

Os que me estão lendo não de por certo observar que, ao me referir à “nossa estradinha”, como carinhosamente a trato, fi-lo com

uma dose acentuada de emoção. Explico. É que a ela dediquei os anos melhores de minha vida. Nela ingressei menino de 14 anos e a deixei 25 anos depois. Daí a minha quase revolta quando me reporto à erradicação da nossa saudosa Estrada de Ferro Santa Catarina.

Em abordando este tópico destas minhas memorizações, vem a pêlo salientar que Blumenau, em tudo, por tudo, se me afigura “sui generis”.

Se não vejamos. Teve, como já aludi, durante um largo período, a sua estrada de ferro própria; o mesmo acontecendo com a sua rede telefônica, cujo serviço, embora precário, prestou grande ajuda à comunidade blumenauense de então; o serviço postal era deficiente, pois estava alojado numa velha casa sita à rua XV, próxima à esquina com a atual rua Itajaí. Mas, quando Prefeito de Blumenau o dinâmico e grande capitão de indústria, Snr. Curt Hering, que, além de outras qualidades, possuía espírito altamente altruísta e comunitário, mandou construir exclusivamente a suas expensas, logo no início da atual Alameda Rio Branco, onde funciona hoje a agência do Banco de Crédito Nacional, um belo edifício de dois pavimentos para a instalação dos serviços postais e telegráficos, nos pavimentos térreo e superior, respectivamente. Ditos serviços, mediante aluguél irrisório, passaram a oferecer então condições à altura do progresso e desenvolvimento da cidade. Vale mencionar ainda que a antiga agência telegráfica funcionava na residência particular do próprio agente-encarrega-

do. Essa propriedade pertence hoje ao Colegio Santo Antônio, que a utiliza para alojamento de professores; a exemplo das grandes cidades, Blumenau se distingue ainda pelos seus vários bairros, tocos com vida própria, a saber: "Garcia" — servido pela rua Amazonas; "Velha" — pela rua João Pessoa; "Itoupava Seca" — pela rua São Paulo. "Itoupava Norte" — pela rua 2 de Setembro; e, finalmente, o de "Ponta Aguda" — aliás, o maior, cortado por várias ruas e dotado de muitos pontos bastante pitorescos. Fica à margem esquerda do Itajaí e em grande parte livre das enchentes periódicas que assolam a cidade.

O que também acentua essa característica "sui generis" da comunidade blumenauense, aliás, como fator de alta relevância, são o interesse, o amor e o carinho com que uma plêiade de abnegadas criaturas cuida das coisas relacionadas com a cultura.

—x—

Em "Blumenau de ontem", pelas suas características especiais, acho interessante citar:

1) a "Casa Meyer", de Richard Meyer, que estava localizada na rua XV, nas imediações do atual edifício "Londrina" — empório que tinha de tudo: fazendas, armarinhos, perfumarias, secos e molhados, ferragens, bebidas, adubos, sementes e muitos outros artigos que completavam a vasta miscelânea. Funcionava em prédio típico, de um só pavimento;

2) quase defronte à "Casa Meyer", na esquina com a atual Alameda Rio Branco, a "Confeitaria Katz", de propriedade do ju-

deu alemão Samuel Katz. Fazia os melhores doces da cidade. No pavimento térreo havia uma sala com mesas de "snooker" e "jardineira", onde este escriba passou horas bem agradáveis, e no pavimento superior um espaçoso salão para reuniões da elite blumenauense;

3) nesse mesmo prédio, hoje demolido, funcionou durante muitos anos a "Casa Kieckbusch", pertencente à Família de igual nome. Pela peculiaridade do seu comércio, contava com assídua clientela. Essa casa comercial, com somente parte do seu ramo de negócio, está atualmente na Alameda Rio Branco, próxima ao seu ex-estabelecimento;

4) a "Ferraria Richter" — do muito conhecido Snr. Wilhelm Richter. Estava localizada na rua XV, nas imediações do atual Banco Itaú. Ali se confeccionavam, principalmente, ferraduras da melhor qualidade. E era intenso o movimento diário, quer dos cavalos de montaria, quer de tração, estes atrelados a carroças e carros de mola. O Snr. Richter não apenas fabricava como também aplicava as ferraduras. Os aros de ferro que contornavam as rodas dos carros e carroças, eram igualmente ali fabricados e aplicados;

5) o velho e tradicional "Hotel Pauli" — pertencente à Viúva Augusta Pauli, figura muito popular em todo o município do antigo grande Blumenau, pelo seu temperamento resoluto, franco e expansivo. A Frau Pauli, como era conhecida, se expressava num linguajar muito seu. O hotel funcionava em prédio de construção tipo enxaimel, isto é, o esqueleto de madeira cujos vãos são preen-

chidos com argamassa e tijolos, sem reboco. Tipo este, aliás, muito comum na época, aqui introduzido pela colonização alemã. Estava localizado na rua XV, esquina com a atual Floriano Peixoto (antiga Bom Retiro), onde hoje está a loja das Casas Pernambucanas. Antes, porém, após o fechamento do hotel, o prédio, que dispunha de um grande terreno que ia até a atual rua 7 de Setembro, foi convenientemente adaptado para nele acantonar a 9ª Cia. Isolada de Metralhadoras Pesadas, que ali permaneceu por longo espaço de tempo. Nela serviram algumas centenas de jovens, não apenas de Blumenau, mas também de outros municípios circunvizinhos.

Quando do movimento revolucionário de 1926, provocado por grupos esparsos sob o comando de Leonel Rocha, cuja patente militar — se é que havia — não sei informar, esses jovens, sorteados e alguns voluntários para a prestação do serviço militar, daqui partiram no mês de setembro ou outubro daquele ano, para oferecerem combate, em defesa da legalidade, nos campos de Porto União (ES), Palmas, Clevelândia e Pato Branco (PR). Entre esses “bravos”, para só citar alguns, estavam os cabos Erich Steinbach, Edgar Scheffer e Adolfo Gazaniga (voluntários), e Herbert Brattig, Henrique Huscher, Lázaro Brito e o autor destas notas (sorteados). E — diga-se de passagem — eu, já casado, deixei a minha mulher, com o primogênito ao colo, me dizendo adeus com o seu lençinho branco. Após uma ausência de cerca de seis meses, todos nós, felizmente, findo o entrevero, “cobertos de glórias”...

regressamos, sãos e salvos, aos pagos. Era então comandante daquela nossa briosa unidade militar o simpático Capitão Thomé, de saudosa memória. Dos jovens aqui citados, apenas três ainda vivem. Erich Steinbach, Herbert Brattig e o autor destas notas.

Falarei agora da primitividade pitoresca, tão sua, de que se revestia o aspecto urbanístico da nossa Blumenau dos idos de 1919. Praticamente, só existia essa comprida via pública, que se chama Rua 15 de Novembro. Era, então, mais um caminho de pó ou de lama, do que propriamente uma rua. Vem ela das “tifas” (termo regional que significa “fundos”) das várias Itoupavas e desemboca na atual rua Itajaí (antiga Vorstadt). A partir, porém, da atual casa comercial Hirt, onde estava antes a Casa Hoepcke, e, primitivamente, a propriedade do Snr. Walter Scheidemantel (residência e casa comercial), passa a se chamar rua São Paulo, rumo, como já mencionei, às várias Itoupavas: Seca, Norte, Rega, Central, e, quiçá, outras, onde se abre um leque de muitas outras ruas, ruazinhas, vielas e becos.

Sobre o ribeirão da Velha, nas proximidades da nova Prefeitura Municipal, esse belo edifício recém-construído e que tanto honra Blumenau e os blumenauenses, existia uma velha ponte bastante primitiva, construída de madeira. Ficava bem abaixo do nível da rua, quase beijando as águas do ribeirão, formando assim íngremes rampas em cada um dos seus lados. Dava mesmo a impressão de que ali terminava a cidade. Aliás, é importante mencionar que foi às margens desse ribeirão que de-

sembarcaram os 17 primeiros imigrantes trazidos pelo Dr. Blumenau.

Na esquina com a atual rua Neu-Ramos, sob a rua XV, o canal Bom Retiro, canalizado atualmente com tubos especiais "Arco", de avantajado diâmetro. Antigamente, porém, o que ali havia era uma tosca ponte de madeira com duas passagens laterais para pedestres. E, não raro, por ali se passava de mão no nariz.

No local onde hoje se ergue um dos edifícios mais belos da cidade, a tradicional Casa Moellmann, de variado comércio, bem ao lado da agradável pracinha, de recente construção, e da ex-papelaria Carl Wahle, cujo prédio acaba de ser demolido, — situava-se a tão conhecida casa de pasto "São José", que contava com grande frequência, máxime das pessoas em trânsito. O prédio de um só pavimento, comprido e simples, todo avarandado, dispunha, na parte frontal, de dois longos palanques de madeira, providos de fortes argolas de ferro, presos às quais ficavam os cavalos de montaria, em trânsito pela cidade. E bem ao lado, exatamente onde se encontra a Casa Moellmann, havia uma grande estrebaria, onde eram recolhidos as carroças e carros, procedentes de todos os recantos do antigo grande Blumenau. De modo que este ponto da cidade, que oferece hoje tão agradável aspecto, se apresentava então de maneira bem diferente, tanto na sua aparência, como pelas suas malcheirosas exalações...

Estes os pontos da nossa primitiva Rua XV, que julguei devesse mencionar. Ela que foi, durante

algum tempo, a única via pública de sessenta anos atrás.

Posteriormente, ou melhor, em tempo não muito remoto, foram construídas, paralelas à nossa pioneira rua XV, a rua 7 de Setembro, que é hoje uma das artérias mais movimentadas, e, mais recentemente, a avenida Castelo Branco, que o povo chama de "beira-rio". Esta que é a via pública mais bela da cidade, máxime na época natalina, quando se ilumina feericamente, foi então, até poucos anos, um dos locais mais feios, por isso que o depósito de lixo da cidade. As pessoas que vinham da antiga "Vorstadt" (atual rua Itajaí), tinham daquele local a pior das impressões.

E é precisamente por essas três ruas paralelas, as mais importantes de toda a rede viária municipal, que se faz todo, ou quase todo, o vultoso movimento da nossa hoje grande e bem desenvolvida cidade.

O aprazível bairro de Ponta Aguda, à margem esquerda do Itajaí, zona essencialmente residencial e que conta, já agora, com belas mansões, e é servido por três extensas pontes de concreto, — só dispunha então, lá pelos idos de 1920 até quase 1950, de primitivas balsas e bateiras para a travessia fluvial, cujo serviço, como se pode imaginar, era precário e moroso.

A antiga rua das Palmeiras ou "Palmenallee", como era primitivamente chamada, atual Duque de Caxias, tem algo digno de nota. Pois, foi nesta rua que residiu o fundador e sua família. Ditas palmeiras, diz a história, foram por ele plantadas, muitas das quais ainda aí estão, seculares e

altaneiras. É a figura do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau está perpetuada na estátua em bronze, que se ergue, imponente, no limiar dessa histórica via pública.

Nessa mesma rua está a casa em que viveu D^a Edith Gaertner, figura tradicional de Blumenau e sobrinha-neta do fundador da cidade. Nessa casa, por ela doada ao município, está instalado o Museu da Família Colonial, onde estão expostos os móveis, utensílios domésticos, quadros com fotografias, roupas, jóias e muitos outros objetos, como também um farto e interessante documentário, pertencente à Família do Fundador. Aqui funciona também o Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva", da Fundação Casa Dr. Blumenau, que reúne preciosos volumes sobre a História de Blumenau, sendo igualmente a editora da revista mensal "Blumenau em Cadernos", fundada pelo saudoso historiador Prof. José Ferreira da Silva, publicação esta que vem de comemorar o seu jubileu de prata. Há também nessa propriedade o Horto Florestal "Edith Gaertner" um bem cuidado parque de valiosas plantas e vários viveiros com pássaros da fauna brasileira. Mas, o que mais desperta a curiosidade dos visitantes é o "Cemitério dos Gatos" ali existente. É que D. Edith Gaertner era uma grande amiga desses animais, tendo sempre em sua companhia vários e bem selecionados exemplares. E à medida que eles iam morrendo, ela os sepultava, condignamente, em pequenos túmulos, em cujas lápides inscrevia os nomes de cada um dos seus queridos bichanos.

Bem defronte à histórica propriedade que acabei de descrever, estava localizado o antigo Teatro Frohsinn. Por ali passaram renomadas companhias teatrais alemãs. Mas, é importante se assinalar, a arte teatral foi também ali praticada, com real sucesso, por grupos de artistas amadores, provindos das melhores famílias blumenauenses. Os seus salões se abriam, outrossim, para a realização de bailes e outras reuniões sociais.

Quando da eclosão da segunda Guerra Mundial, nos anos 40, o Teatro Frohsinn passou a se denominar "Carlos Gomes", em homenagem ao genial compositor, filho da cidade paulista de Campinas, nome que até hoje conserva. Muito bem instalado, funciona atualmente em imponente edifício localizado à rua 15 de Novembro. Além das suas confortáveis, sóbrias e adequadas dependências sociais e administrativas, dispõe de palco giratório. Está registrado sob a denominação de Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes. É que além de teatro, conta ainda com uma brilhante e mesmo famosa orquestra sinfônica, conservatório de música, coro orfeônico e escola de balé, que já formaram várias gerações de excelentes artistas.

Um sem-número de famosos artistas nacionais e internacionais tem passado pela ribalta do nosso tradicional Teatro, que tem levado bem longe e bem alto o nome de Blumenau.

No local em que funcionou o antigo Frohsinn, a nossa primeira casa de diversões e cultura, se encontra o belo edifício-sede da CELESC — Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A.

O vocábulo "Frohsinn", que poder-se-ia traduzir como "espírito alegre", deu nome ao melhor restaurante típico da cidade, pitorescamente localizado no chamado "Morro do Aipim", à rua Itajai, donde se descortina bela visão panorâmica da cidade.

Dignas de registro são ainda as seguintes entidades, que marcaram, com relevo, a tradição blumenauense:

a) a velha Sociedade dos Atiradores (ex-Schuetzenverein), que se unia a muitas outras de menor porte, disseminadas por todos os recantos do antigo grande município de Blumenau. Essas originais sociedades, além da sua finalidade precípua: o tiro ao alvo, com a premiação dos seus reis e cavaleiros, proporcionam muitos outros lazeres, dentre os quais se destaca o tão disputado boliche, mais conhecido como jogo do bolão.

A antiga Sociedade dos Atiradores se converteu no melhor clube da elite blumenauense: o Tabajara Tênis Clube, com ótimas e confortáveis instalações;

b) a Sociedade de Ginástica (ex-Turnverein), ligada à nova Escola Alemã, hoje Colégio Estadual Pedro II, à rua Floriano Peixoto. A antiga Escola Alemã ficava à Alameda Duque de Caxias (ex-Palmenallee);

c) o Clube Germânia, na rua 15 de Novembro, defronte à atual Tipografia e Livraria Blumenauense S. A., que editou durante vários anos, em idioma alemão, o maior jornal da cidade, o "Der Urwaldsbote" (O Mensageiro da Floresta).

E uma infinidade de outras pequenas sociedades de caráter re-

creativo, cultural e esportivo, que seria exaustivo enumerar.

Algumas ruas portavam nomes assaz pitorescos, em língua alemã. Antes, porém, quero me referir a um fato digno de nota. A chamada "zona", do meretrício, estava situada nos fundos da atual Alameda Rio Branco e era conhecida como "Socavão", que é sinônimo de "retiro", "escondido". Denominação, portanto, que bem se lhe ajustava. E como sabemos, essa via pública é hoje a zona mais chique da cidade, com belas mansões e muito bem arborizada.

A atual "Angelo Dias", em homenagem ao valente canoieiro contratado pelo Dr. Blumenau, se chamou durante muitos anos "Gespensterstrasse" (rua dos fantasmas), cuja razão ignoro. Talvez — quem sabe — tivesse sido palco de alguma assombração...

A hoje denominada rua Itajai ainda é chamada por muitos de "Vorstadt", seu primitivo nome e cuja tradução é "subúrbio". Por isso que corresponde ao que ela, de fato, é. Nela está localizado o primeiro hospital de Blumenau, o nosso velho "Santo Antônio", que tão bons serviços prestou e ainda presta à comunidade blumenauense, máxime para a população humilde e carente.

O aprazível bairro do Bom Retiro, cuja feliz denominação ele tão bem merece, se chamou antigamente "Jammertal" (Vale das Lamentações). Como se vê em flagrante contraste com a sua atual e merecida denominação. Existe porém a versão de que a sua tradução deveria ser "Vale dos Inhames", numa defeituosa pronúncia da gente mais simples. E isto porque ali existiam vastas

áreas alagadiças, que são propícias ao desenvolvimento desse vegetal, de folhas grandes, robustas e bonitas e que produz o tão conhecido "inhame", tubérculo de alto valor nutritivo. Versão esta, a meu ver, bem mais aceitável. Nesse bonito bairro estão localizadas as tradicionais e poderosas indústrias "HERING", talvez a maior malharia do mundo.

Uma vez que falei em "bairro", convém voltar a dizer que Blumenau, a exemplo das grandes cidades, é dotada de vários e importantes bairros, todos com vida própria, a saber: "Bom Retiro", como já mencionei, servido pela rua Hermann Hering, homenagem prestada a um dos fundadores das indústrias "Hering"; "Garcia", servido pela rua Amazonas; "Velha", servido pela rua João Pessca "Itoupava Seca", pela rua São Paulo; "Itoupava Norte", perua 2 de Setembro, e finalmente o de "Ponta Aguda", talvez o maior, cortado por várias ruas e servido por diversas pontes. Localiza-se à margem esquerda do Itajaí.

Todos esses bairros, além do conforto que oferecem aos seus moradores, são servidos por ótimas linhas de ônibus.

Vem a propósito aqui lembrar os transportes urbanos de antigamente. Lá pelos idos de 1920 até fins de 1930, havia apenas dois ou três ônibus, que faziam o serviço entre a rua 15 de Novembro e o bairro de Itoupava Seca. Não existiam os pontos de parada. De modo que, à vontade de cada passageiro, o ônibus parava em qualquer ponto do seu percurso, o que acontecia de instante a instante. E quando se tratava de pe-

quenas compras, o pacato motorista, pachorrentamente, esperava até que os usuários as, ultimassem. Pode-se assim avaliar o tempo gasto nesse curto trajeto de Blumenau a Itoupava Seca. E os passageiros se comprimiam como sardinhas em lata.

Típicos também naqueles bons tempos eram os tão conhecidos e prestantes carros de mola puxados por dois cavalos, para passeios ou serviço dentro da cidade, pois, quando utilizados para viagens, recebiam o reforço de mais dois cavalos. E com estradas precaríssimas, sinuosas e cheias de buracos, cobertos de pó ou de lama, essas viagens, demoradas e penosas, se convertiam em verdadeira aventura.

Assim, a nossa pioneira rua XV, a principal, se não única, via pública vivia cheia dos "biscoitos" que os cavalinhos iam distribuindo ao longo do seu percurso. E cada manhã eles eram recolhidos e aproveitados, excelente adubo que é.

Onde hoje se ergue o "Grande Hotel Blumenau", estava localizado o antigo e tradicional "Hotel Holetz", que hospedou durante muito tempo as pessoas mais ilustres e finas que por aqui passaram. Agregado a ele, havia um grande salão, onde se realizavam bailes, teatro e cinema. E nesse complemento do atual hotel, funciona ainda hoje o mesmo "Cine Busch", o primeiro de Blumenau e quicá do Estado, que traz o nome do seu fundador, esse grande pioneiro, que se chamou Frederico Guilherme Busch, homem dinâmico e empreendedor, que tantos e assinalados serviços prestou a Blu-

menau e à sua gente.

No porão do antigo "Hotel Holetz", com frente para a atual Alameda Rio Branco, esquina com a rua XV, funcionava o melhor restaurante da cidade, denominado "Toca do Tatu", de propriedade do meu saudoso amigo Eugen Schoenau.

Digno de menção é também o "Hotel Elite", cujo proprietário, Sr. Walter Voss, ainda está entre nós e reside aqui em Blumenau. Esse hotel, embora de construção simples, fez jus ao seu nome, pois hospedava o que havia de melhor, inclusive as pessoas mais ilustres que vinham em visita à nossa cidade. Localizava-se no alto da Rua XV, defronte à ex-Casa Renner, onde hoje funciona uma casa comercial. Ele passou para segundo plano o veterano "Hotel Holetz". O "Hotel Elite" dispunha também de um salão de festas, onde se reunia a elite blumenauense. De um só andar, há uma particularidade que merece ser destacada: as paredes divisórias dos respectivos quartos para hóspedes, eram de madeira. Demolido, faz alguns anos, o seu terreno continua baldio.

Os tão famosos bailes públicos, — que ainda hoje têm vez, por isso que são marca relevante da tradição blumenauense, pois que, cidade industrial, conta com uma considerável população operária, — tiveram no velho "Salão Hinkelday", de tão gratas recordações, localizado no bairro Garcia, o seu grande expoente. Ainda me lembro, com saudade, dos agradáveis momentos que ali passei. Além dos seus bailes e "domingueiras" (danças realizadas nas tardes de domin-

go), o velho "Hinkelday" proporcionava teatro e cinema aos seus numerosos e assíduos frequentadores, em sua grande maioria moços e moças de Blumenau e vizinhança, que passavam ali horas de sadio e agradável entretenimento.

Devemos aqui fazer menção a essa figura tão popular e simpática, que se chamou Giacomo Julianelli, natural da velha Itália e que aqui viu transcorrerem os melhores anos de sua longa existência. Julianelli levava o seu cinema ambulante a todos os recantos do antigo grande município de Blumenau. E os seus filmes, mudos e em preto e branco, eram exibidos nos múltiplos salões que se disseminavam por toda a extensão do então vasto território blumenauense, inclusive no velho "Salão Hinkelday".

Ainda com relação ao antigo "Cine Busch". Logo depois que começaram a ser rodados os filmes sonoros e coloridos, é interessante contar aqui, por pitorescas e mesmo jocosas, as cenas que ocorriam naqueles bons tempos. E por que não dizê-lo? Bons e também bonitos, pois que havia mais paz e mais estabilidade e, conseqüentemente, segurança e menos preocupação. O que vale dizer: os dias eram calmos e não tumultuados como nos tempos que correm. Porém, o que eu desejo narrar é o seguinte: Não havia, como atualmente, as filas, certinhas, disciplinadas, onde cada um, pacientemente aguarda a sua vez. Oh, não. Pois, nos dias que se anunciavam filmes de renome, máxime as famosas películas da "UFA", porque faladas em alemão, despertavam tamanho in-

teresse, que traziam ao velho cinema uma afluência fora do comum. Assim, estabelecia-se a confusão. E toda aquela multidão, ávido cada qual por alcançar o melhor lugar, se empurrava e se comprimia de tal maneira, que a pessoa penetrava na sala não pelos seus próprios pés, mas como que levada por aquela massa humana. E a gente alcançava o interior da sala de projeção mais parecendo um combatente saído de renhida peleja: cabelos desgrenhados, vestes amarfanhadas e a indefectível gravata, pois, muito em moda na época, virada para o lado posterior do pescoço. Pude-ra! Não eram poucos os empurrões, safanões, de mistura, não raro, com alguns palavrões... Não obstante, todos se sentiam recompensados. Pois, todas as penas eram válidas, quando se tinha em mira assistir a um dos famosos filmes da "UFA". Ufa! gente, digo eu agora, apesar dos pesares com saudade, ao escrever estas notas, na santa paz do meu gabinete de trabalho...

E era assim que nós — crianças, moços e velhos — daquelas priscas eras nos divertíamos, utilizando as nossas horas de lazer em coisas alegres, sadias e edificantes, tão diferente do que ocorre nos dias de hoje, com algumas e honrosas exceções.

Eis que vou chegando ao final deste meu modesto e despreten-sioso trabalho, cuja feitura durante tanto tempo acalentei em minha mente e em meu coração. Ele constituiu, assim, tarefa para mim sagrada, tais o desvelo e carinho com que o executei. Com respaldo apenas — não é demais

repetir — naquilo que a minha memória guardou. E o resultado aí está. Embora singelamente, focalizada a nossa querida "Blumenau de ontem e de hoje". Como disse anteriormente, desde 1919, ano em que aqui cheguei. Num período, portanto, de mais de seis décadas.

De lá para cá, é isto que aí está e que todos tão bem conhecemos: uma cidade bem cuidada e limpa, cheia de flores e de extensas áreas verdes. Em uma só frase: a nossa "Cidade-Jardim". Com aparência mesmo de uma quase metrópole, aí estão para confirmá-lo, os seus imponentes arranha-céus, as suas belas mansões, as suas praças confortáveis e floridas, as suas bonitas arborizadas e bem delineadas avenidas e ruas, os seus lindos e famosos jardins; o seu forte e movimentado comércio, com magazines, empórios, lojas e casas especializadas, todos de alto porte, rivalizando com as suas congêneres dos grandes centros; as suas inúmeras fábricas, que compõem o seu notável e poderoso parque industrial, de acentuada diversificação; uma rede hoteleira de elevado nível; um grande número de variados e excelentes restaurantes; várias e belas sociedades recreativas e clubes de serviço, todos bem estruturados e dirigidos; grandes e bem aparelhados hospitais; confortáveis casas e asilos para pessoas idosas e carentes; uma rede considerável de ótimas drogarias e farmácias, dotadas também de finas perfumarias; bons e eficientes laboratórios de análises clínicas, e uma infinidade de outros serviços de natureza científica, técnica, etc., dignos dos mais adiantados centros urbanos.

No setor no ensino, Blumenau se ombreia igualmente com as cidades mais progressistas e evoluídas do país. Além da nossa jovem, porém já renomada Universidade, com falta apenas de algumas faculdades, do nosso secular e conceituado Colégio Santo Antônio, contamos ainda com muitos outros estabelecimentos educacionais, que gozam de igual conceito e renome.

Em suma, Blumenau — cognominada merecidamente de “cidade-jardim” e “capital econômica de Santa Catarina” e classificada pela Embratur como o 1º pólo turístico do Sul do Brasil, compreendendo os Estados do Rio Grande do Sul e Paraná — se apresenta, “hoje”, como um dos centros urbanos da maior importância, não apenas de Santa Catarina, mas também do Brasil, quer pela sua bela e original óptica urbanística, quer pelo seu alto potencial econômico, quer ainda pelo seu maior índice populacional do Estado, em relação à sua densidade demográfica.

Bem haja, pois, esta nossa querida “Blumenau de ontem e de hoje”!

Bem hajam os seus filhos, construtores do seu progresso e da sua grandeza!

—x—

ADITAMENTO NECESSÁRIO

Já havia batido o ponto final destas minhas tão gratas e ledas reminiscências, calcadas quase todas em fatos e eventos tão agradavelmente vistos e vividos, quando sobrevem algo terrível, que

muito entristece, modifica e afeia tudo o que aqui relembrei.

É que se abateu sobre esta nossa tão cara e bela Blumenau, todo o Vale do Itajaí e também sobre quase todas as demais regiões de Santa Catarina, e de muitas cidades do Rio Grande do Sul e do Paraná, uma grande, uma inominável tragédia, provocada pelas cheias dos respectivos rios de cada uma dessas regiões e as quais atingiram níveis fora do comum.

Segundo se tem notícia, os transbordamentos considerados catastróficos do nosso tão bonito quão temido Itajaí-açu aconteciam, sistematicamente, de trinta em trinta anos: 1850 (ano da fundação de Blumenau), 1880 e 1911. Em 1941, a cheia que deveria ter vindo para cá, se deslocou para o Rio Grande do Sul, que teve a sua capital, Porto Alegre, flagelada por uma grande inundação do Guaíba, com graves e sérios prejuízos para toda a sua população.

Todavia, nessas últimas décadas, como que se quebra, para infelicidade maior, a sistemática que perdurava há quase 80 anos. Por isso que a partir de 1927, em níveis porém menos alarmantes (de 8, 9 até 13 m), as enchentes ocasionadas pelo Itajaí, com abrangência de toda a sua considerável bacia, engrandecida e valorizada por esse importante e soberbo Vale, formador de uma das regiões mais férteis e prósperas do Estado Barigá-Verde, — vêm se repetindo em períodos sempre mais frequentes. E culminam, desastrosamente, com as seis inundações ocorridas no último mês de julho (1983), sendo que a maior sobe a quase 16 metros, equifarando-se, com pequena diferença, à

maior cheia até aqui registrada, que atingiu a altura de 16,50 metros, em 2 de outubro de 1911.

Da minha mente de menino de apenas oito anos, jamais se apagou a apavorante lembrança deixada por aquela tremenda catástrofe.

Porém, entre aquela e esta de julho de 1983, há de se convir que existe uma grande diferença. Pois que no decorrer dessas mais de sete décadas, sensíveis foram as alterações que se verificaram, tanto no que tange ao aumento apreciável da população, como, conseqüentemente, em razão do crescimento e desenvolvimento da cidade, que é hoje uma quase metrópole, ao passo que em 1911 não passava de uma incipiente cidadezinha interiorana, com os seus pouco mais de seis mil habitantes, no perímetro urbano, como também em virtude de um fator de relevante importância: é que de Blumenau, consoante já me foi dado dizer, saíram mais de 20 novos municípios, todos com um considerável grau de desenvolvimento, pois que estão representados por 20 novas cidades!

As chuvas torrenciais e incessantes que, durante largo espaço de tempo, de maneira anormal, se precipitaram sobre os três Estados Sulinos ocasionaram iguais catástrofes em mais de 90 municípios catarinenses e grande parte do Rio Grande do Sul e Paraná, com todo um cortejo de danos e destruições de toda ordem, deixando atrás de si um quadro desolador e calamitoso, com prejuízos gigantescos, difíceis de serem calculados.

A nossa bela cidade-jardim, to- Blumenau, outubro de 1983.

do o nosso formoso vale, verdejantes e floridos, se transmudaram. Toda a paisagem, coberta por uma densa camada de lama e detritos, ficou escura e feia.

Resta-nos, todavia, um grande consolo, pois se por um lado, foram devastadoras e profundas as cicatrizes causadas pela tragédia, por outro, o movimento de solidariedade que se operou em todo o país e mesmo fora dele, foi confortador e edificante. Como já o disse alguém com muita sabedoria "a solidariedade n.o está apenas no respeito ao princípio de auxílio ao próximo; está também no saber-se, diante da noite, não acusar as trevas, mas aprender a fazer lume."

Contamos também com uma valiosíssima reserva física e moral: o destemor e a fibra da nossa gente, que tem a correr-lhe nas veias o sangue quente e viril dos seus ancestrais. Fortes, destemidos e valorosos. Que não se deixa abater, por maior que seja o seu infortúnio.

Assim, à destruição tem de se seguir a reconstrução. Mãos à obra, portanto.

E com a ajuda de Deus e graças à têmpera inquebrantável da nossa gente, à solidariedade dos nossos irmãos e à cooperação do Governo, haveremos de levar de vencida a ingente e grandosa batalha da reconstrução!

E Blumenau, qual nova Fênix, ressurgirá ainda mais bela, forte e próspera! Uma nova "Cidade Jardim"!

Assim seja!

"Musikkapellen", Festas, Salões, Bailes...

Edith Kormann

O assento para os noivos era forrado com uma toalha ou colcha branca, geralmente rendada ou bordada, e até os cavalos eram enfeitados. Não faltavam os tradicionais foguetes, os músicos e os cantores que exibiam o seu talento e alegria com muita cerveja, tanto na ida para a igreja como na volta ao local da festa, que às vezes, de acordo com a posse dos noivos era festejada no salão dos Atiradores ou em outro salão. Além do banquete havia também o tradicional baile que geralmente se prolongava até o sol nascer. Nos bailes de casamento o momento aguardado com ansiedade pelas moças casadoiras, nos primórdios da Colônia, era o tradicional "Jungfernkrantz" (coroa nupcial), e mais tarde outras danças que possibilitavam às mesmas de apanharem o buquê da noiva ou um pedaço do véu.

No "Jungfernkrantz", à meia noite, as moças casadoiras formavam uma roda com a noiva no centro. Com a roda girando cantavam a canção "Jungfernkrantz", e a noiva de olhos vendados escolhia uma das moças, colocando sobre a cabeça da mesma a coroa nupcial, e segundo a tradição seria a próxima a casar-se. Outro costume era a noiva dançar com os rapazes e o noivo dançar com as moças, em seguida era feita uma grande roda com os noivos no centro, cantavam, e o noivo tirava a coroa nupcial da noiva. A noiva jogava bem alto o seu buquê que era muito disputado pelas solteiras.

Dançar com a noiva, cortar um pedaço do véu, dançar com o noivo, cortar um pedaço da gravata, colccando certa importância em dinheiro numa caixinha para que os noivos tivessem um bom começo de vida, são entre outros, alguns costumes que ainda hoje persistem em alguns locais, bem como o hábito entre os pomeranos de os noivos ao chegarem em casa encontrarem pão e sal sobre a mesa, para que, segundo a tradição, nunca lhes faltasse.

Esses costumes ou tradições pouco a pouco estão desaparecendo.

Um fato digno de nota no histórico da Comunidade blumenauense, foi a participação da mesma, na grande festa popular realizada no Teatro "Frohsinn" em benefício dos flagelados do nordeste nos dias 14 e 15 de novembro de 1919, com bandas de música e baile, promovida pelo Tiro de Guerra 475 de Blumenau.

Nas cidades do Vale do Itajaí sempre se promoviam e ainda se promovem bailes sociais e públicos animados por bandinhas ou conjuntos musicais que tem sua origem no alvorecer da Colônia. É evidente que dos antigos salões, são raros os atuantes, talvez alguns salões de sociedades como dos Clubes de Caça e Tiro, porém outros surgiram, e mesmo durante as duas guerras mundiais, apesar das restrições impostas pela nacionalização e do policiamento, os salões funcionavam e os dançarinos se divertiam.

Em 1962, o ilustre prefeito municipal de Blumenau, Hereílio

Deeke, cultor das nossas tradições, cômico da necessidade de as mesmas serem preservadas, através do Decreto nº. 412 de 21 de março de 1962; criou a Banda Musical de Blumenau, sendo seu primeiro maestro, Francisco Baumgart. Pela Lei nº. 1352 de 16 de dezembro de 1965 foi concedido aos componentes da Banda Municipal, por ensaio a que comparecessem uma gratificação de meio salário mínimo diário vigente no município, e uma gratificação mensal ao maestro da banda de meio salário mínimo. Atualmente a banda é dirigida pelo músico Marcílio Pereira.

Anos se passaram e o espírito das "Musikkapellen", apesar dos reveses e duas guerras mundiais, continua vivo, como uma das manifestações mais autênticas e culturais da nossa Comunidade.

Em setembro de 1962 começou a funcionar em Blumenau a Delegacia Regional da Ordem dos Músicos do Brasil, sendo o professor de violino Leopoldo Kohlbach, o primeiro Delegado, que a dirigiu até maio de 1979. Uma das maiores conquistas dos músicos, através do professor Kohlbach foi o horário de cinco horas de trabalho e o registro dos músicos no Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) como autônomos. A Delegacia Regional da Ordem dos Músicos de Blumenau atendia a todo o Vale do Itajaí. Atualmente é delegado da Ordem dos Músicos de Blumenau, Rikobert Doering. Estão inscritos na Ordem os seguintes conjuntos e bandas musicais:

Banda Musical Cavalinho Branco Ltda. — São integrantes da banda: Rikobert Doering - diretor, Marcos Doering, Marciel Doering, Marcos Novaski, Perfeito de Aguiar e Luiz Carlos de Aguiar. Foi fundada em 1976. proveniente do Estúdio Musical Universal e Rigo e seu Conjunto. A banda atuou por muitos anos no Restaurante Cavalinho Branco. Além de Santa Catarina tocou em vários estados do Brasil. Em Belo Horizonte, Minas Gerais, toca todos os anos durante dez dias no Othon Palace Hotel; ainda em Belo Horizonte; Noite na Baviera no Pampulha Iate Clube e Noite nos Alpes; no Rio de Janeiro; Hotel Intercontinental na Festa do Queijo e Vinho, Clube Germânia no "Oktoberfest"; Volta Redonda-RJ, Festa da Primavera nos salões da Casa da Amizade; em São Paulo: Festa da Colônia Suíça Helvethia em Indaiatuba, no Pavilhão de Esportes Cândido Mota-SP. Noite em Munique no Clube dos Oficiais da Polícia Militar de São Paulo; no Rio Grande do Sul: Giruá, Agudo, e Vila Sirio Santo Cristo; na Semana Germânica — Pousada do Rio Quente-Caldas Novas — Goiás; no Clube Pinheiros de Laranjeiras do Sul no Paraná; em Santa Catarina: "Expo 100" Criciúma e Festa do Colono em Forquilha-Criciúma, em Ibirama na Sociedade União e Clube Harmônia, em Timbó no Clube Ginástico Guairacás e S.E.R. Cultural Timbó, em Guaramirim na Sociedade Ouro Verde, em Rio S. João na Festa do Pato, em Itapema no Plaza, e em Blumenau: no Tabajara Tênis Clube, C.C.T. Blumenauense, C.C.T. Testo Salto, C.C.T. Salto do Norte, C.C.T. Concórdia, C.C.T. Velha Central, C.C.T. 1º de Janeiro, C.C. 25 de Julho, Bela Vista Country Club, S.E.R. Ipiranga, S.D. Vasto Verde, S.D.M. Carlos Gomes, Pavilhão "A" da Proeb, etc.. tocou em Salvador no Iate Clube da Bahia. A banda lançou quatro "LP" e atualmente é

contratada da gravadora Chantecler de São Paulo. É banda típica.

Os Montanari — fundada em 1958 em Concórdia-SC, veio para Blumenau em 1977. O diretor é Bruno Montanari, que também é compositor de mais de 50 peças musicais, que fazem parte dos 19 discos gravados. O título do 19º. disco é “Os Montanari 25 anos”. Os Montanari tem uma extensa folha de apresentações em Santa Catarina e também pelo Brasil incluindo apresentações no exterior como na Argentina e Paraguai. As gravações elétricas são feitas em São Paulo com vários selos; Continental, Chantecler, Musicolor e Alvorada. O repertório inclui cinquenta por cento de músicas germânicas e o restante variado. A orquestra integra os seguintes músicos: Darci, Genésio, Nadir Antonio e Moacir José, filhos de Bruno Montanari, e ainda, Henrique Jacó Bento, Hélio Ricardo Sonntag, Reni Saptkamp, Mercy Adelar Falk e Valdique Wilson dos Santos. Vivem da música e com o 19º. disco lançado, festejam este ano (1983) o seu 25º. aniversário de fundação.

Erinho e sua Orquestra — foi fundada em agosto de 1951, e desde essa data com sua excelente orquestra, tocando sempre os sucessos da atualidade tornou-se famosa não só em todo o Estado de Santa Catarina, onde abrilhanta bailes de gala, formaturas, aniversários, carnavais, etc., mas também em vários estados do Brasil. No Rio de Janeiro, Erinho e sua Orquestra, tocou no Hotel Glória, na sede do Fluminense Futebol Clube e Clube Sírio Libanês. Tocou em Curitiba, Foz do Iguaçu, Ponta Grossa, Cascavel, e quase em todas as cidades do Paraná. Também tocou em Passo Fundo, Vacaria, Carazinho e outras cidades do Rio Grande do Sul. Tocou ainda em São Paulo, Mato Grosso do Sul e outros. O diretor da orquestra à Erich Riedel, e a base da orquestra está nos músicos: Werner Arnold, Lupércio Lobo, Paulo Aristides de Oliveira, Rogério Ângelo, Aristides Pedro da Silva, Eurídice de Souza, José Sidnei Novaes, Cláudio Renato Baumann, Clóvis Leopoldino de Souza e Odinei Cunha. Participam também do conjunto as cantoras Susana Riedel e Vera Lúcia Garcia.

Conjunto de Ritmo Society — fundado no dia 14 de junho de 1958 com o nome de Bandinha Jazz Society. Além do diretor Max Lindner, participam do conjunto os músicos: Heinz Liermann, Ethenir Nascimento, José Oliveira Dias, Norberto Schmidt, Flávio Leite, Osni Erhard e Almir Lindner. O repertório musical é variado. Tocou em quase todas as cidades do Estado de Santa Catarina, no Rio de Janeiro, Curitiba e diversas cidades do Estado do Paraná. O conjunto tem duas faixas gravadas no disco “Salve a banda” e duas no disco “Antigamente era assim”.

American Band — fundado em janeiro de 1980. O diretor é Efron Harbs que com os demais integrantes do conjunto: Edemar Coelho, Orlando Loes, Almirio dos Santos, Suetonio Finardi, Jair Guedes e Rodolfo Rocsher, tocam música variada, atuando em quase todas as cidades de Santa Catarina e em diversas cidades do Paraná e Rio Grande do Sul. O American Band tem sua sede em Itoupava Central.

(Continua)

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

I — NOVOS ROMANCES

Apesar das crescentes dificuldades para editar e distribuir seus livros, os autores catarinenses, desta ou daquela forma, continuam publicando, numa demonstração de que o escritor não mede esforços para levar ao público a sua mensagem. Prova disso é que, — todas publicações recentíssimas, — tenho diante de mim nada menos que seis livros novos de autores conterrâneos e que merecem uma palavra de divulgação.

É interessante observar que nesta safra preponderam as obras em prosa, numa proporção de cinco para um, o que não deixa de surpreender diante do avultado número de livros de poesia que me chega às mãos. Chama a atenção, também, o fato de nada menos de três serem romances, gênero a que raros catarinenses se dedicavam e cujos títulos vêm aumentando de uns tempos para cá. O único livro de poesia é de autor que se dedicava ao conto e à crítica, sendo esta sua primeira incursão no setor — Luiz Carlos Amorim.

Nome muito conhecido das nossas letras, Lausimar Laus obteve consagração com "O guarda-roupa alemão", romance que mereceu manifestações elogiosas de prestigiosos críticos do Estado e de fora dele. Uma pioneira do romance catarinense, ela é considerada a grande intérprete de sua

terra natal, Itajaí, e do próprio Estado, (especificamente das regiões onde predomina o elemento germânico), cuja realidade soube fixar na sua obra de ficção. Seu romance se consolidou nos trabalhos posteriores, cuja sequência foi interrompida pela morte repentina e precoce, sempre lamentada pelos que a conheceram em pessoa ou através de seus escritos. "Presença cultural da Alemanha no Brasil" é um ensaio de sua autoria que li com interesse e comentei na época de seu lançamento.

Agora, num volume caprichado, a Editora Lunardelli (Florianópolis), lança a edição póstuma do romance "Ofélia do Navios", o último saído da pena da Lausimar. Tendo como palco a cidade portuária, com as suas características tão singulares, e mais propriamente o porto, a autora desvenda aos olhos do leitor a vida de homens e mulheres cujos destinos se vinculam à lida dos navios, das docas, do mar, enfim. É um romance em que as recordações da autora, sem dúvida, interferem a cada passo, dando-lhe maior autenticidade e verossimilhança, num livro que ela escreveu com amor e dedicação e cuja gênese é reconstituída por Marcos K. Reis, que a acompanhou e escreveu as "orelhas". Fez bem a Lunardelli publicando este romance, importante para a nossa

estante e que não poderia se perder.

Enquanto a obra de Lausimar tem ao fundo o cenário itajaiense, a de Urda A. Klueger tem o de Blumenau, cidade de que é a romancista típica. Com a diferença de que aquela mostra, pelo menos no livro comentado, tendências memorialistas ao passo que esta afunda-se no passado em busca de elementos para um romance histórico. Mas os fatos do passado de que ela se utiliza não a constroem, pois dentro deles se move com liberdade, dando largas à imaginação. Sabe fixar balizas suficientemente largas para não lhe tolherem a movimentação.

Embora jovem, Urda revela fôlego de romancista e facilidade para desenvolver seus temas. Com apenas trinta anos de idade, já está publicando seu terceiro romance, — "No tempo das tangerinas", — que se segue a "As brumas dançam sobre o espelho do rio" e "Verde Vale", seu livro de estréia e que mereceu boa acolhida da crítica e do público, todos editados pela Lunardelli.

Neste livro Urda prossegue a saga dos Sonne, colonos alemães cuja chegada e fixação no Vale do Itajaí já conhecemos de seu primeiro livro. Agora a vida da família se desdobra nos tempos contemporâneos, iniciando-se a narrativa às vésperas da II Guerra Mundial. Os sobressaltos, as dificuldades, os choques que ela provoca são aproveitados pela au-

tora, parecendo que seu senso de observação se apura a cada livro. Toda a vida no Vale aparece, com seus dramas e comédias, calmarias e tempestades, como num painel imenso onde se movem inúmeros personagens, humanos e sensíveis, cada um buscando à sua maneira a felicidade. Num ambiente que Urda consegue recriar e que prende o leitor até o fim. Sem rebuscamentos e complicações, ela continua fiel à simplicidade, escrevendo em estilo límpido e direto.

O terceiro romance agora surgido é "Espelhos da Alma", de José Gonçalves (Edição da Fundação Casa Dr. Blumenau), também do Vale do Itajaí. Cultivando, igualmente, a simplicidade, o autor se expressa em estilo jornalístico e tem a capacidade de trabalhar com muitos personagens, com caminhos que se cruzam e entrecruzam, encontrando depois soluções para um enredo que ele se compraz em complicar no desenrolar da narrativa e que no entanto, aos olhos do leitor, aparecem como naturais. Suas figuras são pessoas comuns, gente do povo, vivendo problemas próprios de sua condição e de seu cotidiano, o que não impede o aparecimento de momentos de angústia e até de desespero. "Este romance, de cuja essência se ergue vigoroso libelo, merece aplausos" — são palavras do escritor paranaense Valfrido Piloto, autor do prefácio e com as quais finalizo estas notas.

II — INOJOSA EM BLUMENAU

Numa promoção que envolveu quase todas as entidades culturais do município e que foi patrocinada pela FURB, esteve em Blumenau, nos dias 19, 20 e 21 de outubro, o conhecido intelectual

pernambucano, radicado no Rio de Janeiro, Joaquim Inojosa.

Jornalista profissional, advogado militante (com uma permanência de cerca de cinco anos no Ministério Público), historiador e crítico literário, mostrou-se forte e disposto nos seus 82 anos de idade, lúcido e atualizado nos temas do momento, além de encantar a todos pelo seu cavalheirismo e o constante bom humor com que cumpriu uma programação intensa e cansativa.

Chegando a Navegantes na quarta-feira, por volta de 11,30 h., o escritor almoçou em Piçarras e teve ocasião de ver alguma coisa do Litoral Norte catarinense. À noite, já em Blumenau, proferiu palestra para os alunos do Curso de Letras da Universidade, quando historiou o Movimento Modernista e sua difusão pelo país, acontecimento em que teve ativa participação. Relatou o seu relacionamento com as figuras mais expressivas do Movimento, como Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Tarsila do Amaral, Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, de quem foi amigo íntimo, a quem recebeu no Recife, em 1927, quando o poeta peregrinava pelo Nordeste, como secretário da "dama do café", D. Olívia Guedes Penteado, Carlos Drummond de Andrade e Menotti Del Picchia, com os quais mantém grande amizade e está em permanente contacto. Expôs também, com muita clareza, os princípios teóricos do Modernismo, a sua polémica com Gilberto Freyre a respeito do "Manifesto Regionalista de 1926" e se submeteu à sabatina dos acadêmicos. Foi, ao final, aplaudido com grande entusiasmo.

No dia seguinte visitou o Fórum local, quando foi recebido e conversou com todos os Promotores de Justiça da comarca, lembrando os seus dias de integrante do *parquet* pernambucano. Pelas 10,00 h., na ala de visitas da Câmara Municipal, concedeu entrevista coletiva à imprensa, organizada pela Associação dos Profissionais de Imprensa de Blumenau (APIB), quando respondeu a inúmeras questões sobre suas posições políticas, literárias, jornalísticas, bem como sobre a atualidade mundial e brasileira. Nesse mesmo dia, após almoço no Restaurante Frohsin, visitou a igreja, o Teatro Carlos Gomes, o Mausoléu Dr. Blumenau e o Arquivo Histórico, onde se demorou em palestra com os presentes e ofertou alguns de seus livros para o acervo da instituição.

Sexta-feira pela manhã, ainda no Hotel Garden, concedeu entrevista à TV Eldorado e, mais tarde, fez palestra para os alunos do Colégio Santo Antônio. Retornou à tarde para o Rio de Janeiro.

A visita de Inojosa teve repercussão de âmbito estadual, com grande cobertura da imprensa e muito interesse dos meios culturais. Autor de mais de vinte livros, merecendo destacar "O Movimento Modernista em Pernambuco" (3 volumes), "República de Princesa", cujo tema está novamente em evidência em virtude do filme "Parahyba, mulher macho" e "A Arte Moderna" (edição cinquentenária — 1924/1974), manifesto com que iniciou a pregação modernista em 1924, ele publicou mais de trinta opúsculos, entre ensaios, conferências pronunciadas em todo o Brasil,

teses e separatas, além de milhares de artigos jornalísticos, numa carreira que dura até hoje (ele é colunista do "Jornal do Commercio", do Rio) e que começou em 14 de abril de 1917, no jornal "O Radical", da Paraíba, há mais de 66 anos. Merecem ser lembrados ainda, na sua bibliografia, os livros "Carro Alegórico", "Pá de Cal" e "Sursum Corda!", onde registra, passo a passo, a polêmica

com Gilberto Freyre.

Para Joaquim Inojosa de Andrade, que é presidente da Ordem dos Velhos Jornalistas Brasileiros e membro da Academia Carioca de Letras, "o jornalista, como o apóstolo, deve estar sempre ao lado da "Verdade." Ele deixou em terras catarinenses muitos amigos e admiradores pelos ensinamentos e lições de vida que se meou na breve passagem.

Um exemplo de escotismo

(Continuação)

DESCREVER A SITUAÇÃO ECOLÓGICA DAS MINAS DA PRATA

Na região das Minas da Prata a situação ecológica ainda é relativamente boa.

Encontra-se matos e florestas com trechos de matas virgens.

O Ribeirão da Prata nasce na região do Morro do SPIZKOPF, divisor de águas entre Blumenau e Brusque, afluente da margem do Ribeirão Garcia.

O Riacho ainda é limpo até algum trecho e nele existem vários tipos de peixes como: peixe-pedra, cará, traíra e outros...

Lá não há nenhum tipo de poluição, sonora ou atmosférica.

As erosões que ocorrem são naturais, ocorridas pelo tempo, desgaste do solo, chuvas, etc...

Podem ser vistos ainda hoje os túneis de onde era extraída a matéria-prima para exploração da prata e chumbo.

Pude constatar que parte do solo era formado por rocha vulcânica.

Vi também perto das minas uma espécie de escavação, já antiga, onde houve desmatamento.

Algumas casas estão sendo construídas naquela região o que poderá a vir prejudicar futuramente este local, por causa de desmatamentos, queimadas, para plantações, prejudicando assim a FAUNA e a FLORA existente naquela região.

CITAR E FALAR SOBRE 5 ANIMAIS ENCONTRADOS NO PERCURSO:

CACHORRO — CAVALO — GATO — SABIÁ — VACA

CACHORRO — Classe - Mamíferos; Ordem - Carnívoro; Família - Canídeo; Gênero - *Canis familiaris*, Espécie - *Canis familiaris*.

CARACTERÍSTICAS — Revestido de pelos — Dentes caninos desenvolvidos — Mamíferos — Carnívoros.

RESUMO — O cachorro é o mais antigo dos animais domésticos, já vivia em companhia do homem há pelo menos uns 10.000 anos atrás.

E, nesses cem séculos de convívio o homem aprendeu muito sobre os cães.

Através de experiências científicas, em que se sobressaem as de Pavlov o homem ficou sabendo tanta coisa sobre a psicologia do bicho, que talvez psicólogos conheçam melhor os bichos do que as pessoas.

Se uma neurose for definida pelo alívio de tenção, não há dúvida de que muitos cães são neuróticos.

Essas neuroses se desenvolvem quando impulsos básicos não sejam satisfeitos.

Um cachorro pode adaptar-se a abstinência sexual, se não houver estímulo imediato, assim como pode viver bem sem lutar, desde que não seja provocado.

Más limitações de liberdade, como acontece com cães criados em apartamento, acabam por lhes perturbar o comportamento e torná-los neuróticos.

C A V A L O

Classe — Mamíferos. — Ordem — Perissodactilos. Família — Equídeos. — Gênero — *Equus caballus*. Espécie — *Equus Caballus*.

CARACTERÍSTICAS

Quadrúpede — Revestido de pelos — Mamífero — Herbívoro.

R E S U M O

O homem criou inúmeras raças diferentes, conforme suas necessidades e em épocas diversas: cavalos robustos e grandes, para agüentarem o peso de suas armaduras e a armadura do cavaleiro, adaptados para puxar carroças e arados, cavalos ligeiros para esporte e caça.

Alguns cientistas classificam o cavalo em quarto lugar na escala de inteligência, depois do elefante, do macaco e do cachorro.

G A T O

Classe — Mamíferos; Ordem — Carnívoros; Família — Felídeos; Gênero — *Felis sp.*; Espécie — *Felis sp.*
vivos — Mamífero — uadrúpede.

CARACTERÍSTICAS

Carnívoro — Revestido de pelos - dentes caminos desenvolvidos — Mamífero — Quadrupede.

R E S U M O

Na vida selvagem, quando um felideo crava os dentes na garganta da presa, por baixo, tenta ao mesmo tempo rasgar-lhe o ventre com as poderosas garras traseiras.

(Continua)

Restauração da casa do Museu teve início

No dia 30 deste mês, o diretor da Fundação "Casa Dr. Blumenau" presenciou o contrato assinado entre a firma Tabacos Brasileiros Ltda. e a Construtora Egon Stein, através da qual aquela empresa assumiu o encargo financeiro na restauração das duas casas que passarão a abrigar o acervo do Museu da Família Colonial, duramente atingidas pelas enchentes de julho. As duas casas, que foram bastante danificadas — e também por já possuírem mais de cem anos — serão totalmente restauradas pela referida construtora, após o que, será procedida a instalação do Museu dentro dos moldes técnicos mais modernos que se conhece na museologia contemporânea. Uma equipe de museólogos procedente do Rio de Janeiro, enviada pelo Programa Nacional de Museus, encarregar-se-á dos trabalhos técnicos

de montagem do Museu, de acordo com convênio que será firmado ainda na primeira quinzena de dezembro com a PRÓ-MEMÓRIA e no valor de Cr\$... 7.000.000,00, importância que será toda aplicada naquele trabalho.

Desta forma, o grande pesadelo que constituía até há pouco o problema da restauração dos prédios e da recuperação do Museu da Família Colonial está em vias de ser solucionado, tranquilizando a direção da Fundação "Casa Dr. Blumenau", que agora poderá partir para outras conquistas, como sejam, a construção do prédio que deverá abrigar a Biblioteca "Dr. Fritz Mueller" e o Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva", assim como do parque gráfico também grandemente danificados pelas referidas cheias.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

Todos sentaram-se e começaram a jantar sendo que os comentários eram todos em torno do ilustre convidado que não apareceu e do qual ninguém sabia o nome, até que Carla perguntou:

— Mas Hermann, quem é afinal o teu amigo que não veio?

— Ora, minha querida, eu estou tão decepcionado com ele que é melhor não dizer quem é, porque assim, só eu fico com a decepção. Se ele vier amanhã todos saberão.

Blumenau sentado na sala tudo ouviu e pensou rápido, "O sa-

fado do Trommsdorf está pregando-me mais uma de suas peças”, não resistiu e deu uma bruta gargalhada da idéia maquiavélica do amigo.

— Ué! Quem é que deu uma gargalhada lá na sala? — Perguntou Carla surpresa, enquanto todos pararam o jantar, e rápida Analise correu até a sala, encontrando Blumenau já no corredor.

— É o Dr. Blumenau, Carla! — Gritou Analise radiante com o agradável encontro, atirando-se nos braços dele, abraçando-o e beijando-o afetuosamente. E assim os dois entraram na sala de jantar para alegria de todos, que interromperam o jantar para os abraços e cumprimentos.

Urda, ligeira, apanhou os pratos e talheres retirados do convidado, colocou-os no respectivo lugar de honra à mesa e todos sentaram para continuarem o saboroso jantar. Hermann Trommsdorf, com o maior cinismo, foi quem começou a conversa:

— O que eu quis fazer com o Blumenau foi me vingar da primeira noite que fomos em tua casa, Carla. . . .

Novamente todos voltaram a rir e a gozar Hermann, e seu Adolfo comentou:

— Já sei o que o Hermann vai reclamar: é contra a pomada da Ana que nada tinha de milagrosa, não é Hermann?

— Não, nada disso seu Adolfo, a pomada de minha sogra é muito boa, mamãe que o diga, não é mamãe?

— É boa mesmo, quando tenho dores nas pernas passo-a e a dor melhora muito, d. Ana!

— É mesmo, d. Ema? Não sabia que minha pomada era usada pela senhora!

— E já usei-a muitas vezes, d. Ana!

D. Ana virou-se convencida para o esposo:

— Só tu, Adolfo, é que não acreditas na minha pomada e nos meu remédios caseiros!

Blumenau, vendo que Carla estava bem “barriguda”, perguntou:

— Para quando é que vem o herdeiro, Carla?

— Se Deus quiser para fins do mês que vem. . .

— Ótimo. E o Hermann está muito vaidoso?

— Todas as noites antes de dormir quer ouvir as batidas do coraçãozinho do filho, está todo bobo, e quer um garoto.

— E se vier menina?

— Responde, Hermann!

— Não virá menina: será homem, Blumenau.

— Bem se afirmas com tanta segurança, Deus é generoso e bom e não irá decepcionar-te, meu bom amigo.

O sr. Adolfo perguntou curioso:

— Como vamos Dr. Blumenau com o nosso português?

— Ah! . . . O sr. Adolfo está de parabéns, porque o embaixador brasileiro, quando estive com ele, só foi perceber que falava com um alemão muito tempo depois de nossa conversa, toda ela em português!

— Não me diga Dr. Blumenau! Então o sr. não relaxou e continua praticando o português, pois não?

— Todas as vezes que possível, sr. Adolfo, pratico sempre!
— Se é uma coisa que eu queria ter — era Hermann quem falava — é a persistência, a tenacidade e a extraordinária força de vontade de Blumenau!

— Ora meu bom amigo Trommsdorf, qualquer um pode tê-la desde que queira e se esforce para tal.

— Ora Blumenau, não sejas modesto e humilde, em ti, esses predicados são fora do comum, meu amigo.

— E como é, Dr. Blumenau, quando embarca para o Brasil?

— Já estou com a passagem na mala, embarco no fim deste mês de março em Hamburgo.

— Já tão depressa? E a colonização?

— Vou diretamente ao Rio Grande do Sul inspecionar as colônias alemãs lá existentes...

— São três, já as visitei quando na embaixada alemã no Brasil.

— Não me diga seu Adolfo! E que tal as encontrou?

— Muito bem e em franco desenvolvimento.

— Excelente informação. Eu fechei contrato com a “Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil” e o meu primeiro serviço no Brasil é inspecionar as nossas colônias lá existentes, daí embarcar, diretamente, pra o Rio Grande do Sul, só depois é que voltarei ao Rio de Janeiro para dar começo a minha própria colônia e escolher o local da sua instalação.

— E não tem, nem idéia, de onde instalar?

— Segundo o professor Martius, na Província de Santa Catarina, no vale do grande rio Itajaí, há um lugar que me parece servir, mas, só examinando “in loco” é que poderei resolver, definitivamente.

— A Província de Santa Catarina é muito rica em rios, florestas e terras fertilíssimas, além de muitos portos de mar.

— Já estive na Província de Santa Catarina, sr. Adolfo?

— Sim, em 1836, fui visitar a Colônia de São Pedro Alcântara que havia sido fundada em 1829 e não ia bem, muitos atritos, e o embaixador alemão mandou-me lá para auscultar a realidade das desavenças e eu cheguei a conclusão que eram assuntos que não diziam respeito a interferência da embaixada, e sim, entre colonos e o governo da província. As terras perto da capital do Desterro não são boas, existem sim, as que o sr. se referiu há pouco, no vale do grande rio Itajaí, essas, por informações que colhi, lá, na época, eram as melhores.

— Ê, eu terei que procurar bem, nas várias províncias, muito especialmente, nas do sul do Império que, segundo informações do professor Martius, são as melhores, e as que mais se adaptarão para colonização de acordo com meus planos.

— O país é um continente, Dr. Blumenau, e dispõe de terras

muito boas, abundantes rios, cachoeiras, lagoas, córregos, enfim, um verdadeiro paraíso para colonização, porque as terras são férteis e de clima tropical, ameno, notadamente, no sul do país que geralmente tem um inverno, por vezes rigoroso, porém, bem perto da Corte, Dom Pedro I, pai do atual imperador brasileiro, Dom Pedro II, comprou logo após a subida da Serra do Mar, na região serrana, a Fazenda do Córrego e fundou uma cidade chamada Petrópolis para passar o verão que é a poucos quilômetros da Corte, bastando somente subir a serra, está-se num clima agradável e frio, numa altitude de pouco mais de seiscentos metros. A família Imperial passa todos os verões lá aliás, vive grande parte do tempo lá, num palácio construído na antiga fazenda.

— Eu tenho a impressão que irei me dar bem no Brasil, seu Adolfo.

— Sem dúvida nenhuma, o seu povo é bom, hospitaleiro...

— Mas, existem muitos negros e mulatos na corte, seu Adolfo?

— Tem, de fato, muita mestiçagem na Corte, mas, muito mais no norte, na Bahia, onde começou, realmente, a povoação do Império. Porém atualmente, os brancos ganham terreno populacional e já são uma pequena maioria que começou logo após a Independência.

— E a política, sr. Adolfo?

— O sr. sabe, Dr. Blumenau, nós na embaixada não nos envolvíamos em política. O nosso embaixador contava-nos que quando visitava alguma província seus governadores queixavam-se muito da "politicagem" de seus adversários políticos, nas Assembléias Provinciais.

Enquanto todos conversavam, ainda sentados à mesa, a empregada retirou tudo que estava sobre a mesma, mudou a toalha e colocou uma linda fruteira repleta das mais saborosas frutas; defronte cada convidado foi colocada uma finíssima taça de champanha de cristal da Boêmia.

— Mas, o que é isso! — Perguntou Blumenau admirado — Vamos ter champanha?

— Se vamos! Nem precisava ter perguntado, meu querido ex-sócio, vamos tomar o champanha do nosso casamento, que reservamos, especialmente, para tua primeira visita. Disse Hermann convencido e feliz, pois de fato, reservara uma garrafa de champanha de seu casamento para aquele momento que ele sabia e tanto esperava acontecesse, visita de seu velho e querido amigo.

Carla, carinhosamente, completou as palavras de seu esposo:

— Ainda na semana passada, Hermann perguntou se continuava guardada a garrafa de champanha, e disse triste e saudosos: "Meu

querido amigo Blumenau está demorando a aparecer, não achas Carla?"

Hermann Trommsdorf, garrafa na mão, começou a abrir, vagarosamente, mexendo delicadamente a rolha até que ela explodiu num estouro por todos aplaudido entusiasticamente.

(Continua)

Câmara Municipal encerra atividades do ano com expressivas solenidades

No último dia deste mês de novembro a Câmara Municipal de Vereadores de Blumenau promoveu sessão solene com uma ordem do dia mas mais importantes e expressivas. Sob a presidência do seu titular vereador Antonio Tillmann, a colenda Casa do Povo inicialmente registrou o transcurso dos 100 anos de sua instalação, ocorrido em janeiro de 1983 e que, por estar em recesso, esta solenidade ficou para ser realizada em julho. Em face das enchentes daquele mês, a solenidade foi transferida para este dia 30. E dentro da programação, registraram-se os seguintes atos solenes: Diplomação dos ex-vereadores, homenageados por terem sido titulares em exercício durante cinco legislaturas. Foram eles: Edgar Paulo Mueller, Ingo Wolfgang Hering e Alfonso de Oliveira; homenagem especial à única mulher que, nestes 100 anos, foi titular de um assento naquela casa e que ainda o é, como é o caso da sra. Maria do Carmo Carl; foi prestada home-

nagem também ao orador que falou em nome dos homenageados, o ex-vereador Dr. Wilson Gomes Santiago; foram diplomados 3 cidadãos com o título de Cidadão Blumenauense, em homenagem de reconhecimento aos serviços prestados a Blumenau sem aqui terem nascido, como foi o caso dos srs. Dr. José Fernandes da Câmara Canto Rufino, do escritor Nestor Seara Heusi e do Dr. José Roberto Magalhães Teixeira, prefeito municipal de Campinas, em homenagem ao povo campinense que adotou Blumenau por ocasião das enchentes, enviando toda sorte de euxílio. Após essas homenagens, a Câmara Municipal houve por bem homenagear ainda dois cidadãos blumenauenses com o título de cidadão emérito. São eles, os srs. Ingo Wolfgang Hering e Alfredo Iten.

A Tribuna da Câmara foi ocupada por dois oradores: Agnaldo Schaefer, vice-líder da bancada do PDS, que discorreu sobre o tema "Aspectos Históricos da Câmara Municipal"; e João Bertol-

do Petry, que falou sobre "Poder Legislativo Municipal e a Democracia".

Na mesa diretora achava-se também o ex-presidente da Câmara na última legislatura, sr. Carlos Braga Mueller, homenageado por ter sido o presidente efetivo que atingiu o centenário do legislativo blumenauense naquele cargo, quando ainda titular

em janeiro de 1983.

O recinto destinado ao público esteve literalmente tomado pela numerosa presença de cidadãos blumenauenses que foram prestigiar o solene ato e solidarizar-se com a Câmara Municipal pelas homenagens que prestava aos destacados cidadãos que tantos e tão assinalados serviços prestaram a Blumenau.

DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE PAUL SCHWARTZER

(Continuação do número anterior)

O ar está muito quente e os outros passageiros parecem que vão desmaiar, mas eu acho que ainda está bem suportável, pois posso suportar uma temperatura bem elevada.

Quinta-feira, 6 de novembro de 1862

A noite passada fui atraído pelo ameno ar noturno e fazer minha cama ao ar livre sobre o convés do navio, e dormi realmente muito melhor do que até agora no abafado entrecobertas, onde já de manhã cedo começa o choro das crianças. As noites nesta zona também são tão bonitas como nós na Alemanha nem podemos imaginar; o céu tem um azul tão bonito e a lua e as estrelas tem uma luz tão clara que quase parece dia.

Hoje ainda reina calmaria, as velas batem frouxas nos mastros, o mar forma uma superfície quase plana e o sol pelo meio-dia aqui já está bem alto, enviando seus raios quase verticais sobre nós e bronzeando a todos nós bastante os rostos. O que mais se sente é a sede, que se manifesta a tarde e que, com a água morna que nos é servida, ainda por cima insuficiente, não se deixa aplacar.

Hoje ao anoitecer fiquei encantado com o esplendor do pôr do sol, o mesmo era tão vistoso e sublime que nenhuma descrição é possível para alguém que ainda não teve a oportunidade em observá-lo nas terras tropicais, para dar uma imagem do mesmo; o céu jorrava, após a estrela do dia ter deslizado para trás do horizonte, nas mais belas

cores do vistoso purpura até o mais claro e delicado azul, enquanto todas as côres, nas mais diversas tonalidades, estavam presentes, ao mesmo tempo reinava um silêncio tal que nem era quebrado pelo marulhar das ondas, pois o mar parecia um espelho. Agora a lua surgia das ondas prateada e espectral no horizonte e clareava as águas.

Sexta-feira, 7 de novembro de 1862

A noite passada dormi novamente e muito bem, no convés. Também apresentou-se esta noite uma brisa fraca que infelizmente não durou muito, pois pela manhã ficou sempre mais fraca.

Assim como ontem à noite o pôr do sol, me deslumbrou hoje o nascer do sol. Todo o leste ardia inicialmente em profundo vermelho (enquanto a lua descia no oeste) e assim, noite e dia, ao contrário do que acontece nas regiões nórdicas, onde iniciam com crepúsculo, aqui fica constantemente claro, enquanto a lua desce, sobe o sol majestoso de dentro da água .

Hoje o calor não está tão forte, pois sopra um vento bem fraco, o qual no entanto é insuficiente para enfundar as velas, mas fornece um pouco de refrigeração.

Também saltavam hoje golfinhos na proximidade do nosso navio, mas não suficientemente próximos para que nosso capitão os pudesse arpoar.

Como parece, ainda vai demorar bastante antes que nós alcancemos o Equador, pois o navio cobre por dia um trajeto muito pequeno.

Sábado, 8 de novembro de 1862

Hoje temos uma brisa um pouco mais forte, mas ao anoitecer ficou muito chuvoso.

Domingo, 9 de novembro de 1862

O tempo hoje está alternadamente bom, logo chove forte, assim também muda o vento com a calmaria.

Quando, hoje pelas 5 horas, novamente após chuva forte, entrou a calmaria, mostraram-se na superfície lisa do mar as barbatanas dorsais de vários tubarões. Imediatamente nosso timoneiro prendeu um pedaço de toucinho num anzol para tubarão e soltou o mesmo a estibordo; não durou muito um tubarão se virou de costas, "a hiena do mar" como Schiller, em seu poema *Der Taucher* o chama, e abocanhou a isca e no momento seguinte agitava-se no ar, isto percebi logo, pois encontrava-me no exato momento na entrecobertas, pelo grito de jubilo de todo pessoal, e quando corri para cima já estrebuchava no

cônvés e batia fortemente com sua cauda em torno de si e só com esforço conseguiram os marinheiros amarrá-lo e esquarterjá-lo.

Ele tinha aproximadamente 4 pés de comprimento e ainda jovem; sua cabeça é larga e chata, algo parecida com a cabeça do lúcio, mas sua mandíbula inferior está situada de tal forma atrás que ele sempre se vira de costas para poder abocanhar alguma coisa.

(Continua)

Nossa Biblioteca já está prestando serviços

Apesar da precariedade das instalações e da redução de títulos existentes nas estantes, a Biblioteca "Dr. Fritz Mueller" já está prestando bons serviços à população, após recuperar-se parcialmente do desastre sofrido com as enchentes de julho.

Assim é que, embora ainda não esteja fazendo empréstimos, já foi possível atender os usuários nas consultas seguintes: Generalidades e ficção, 238. Filosofias. Questões morais, 3; Ciências sociais, 63; Filologia e linguística,

5; Ciências puras, 56; Ciências aplicadas, 24; Belas artes, 6; Literatura, 6; História e geografia, 17, totalizando 423 atendimentos.

Do relatório levantado neste dia 30, consta ainda havermos recebido em doação de livros, nada menos do que 222 obras.

No início das aulas, em 1984, também deverá retornar à atividade a Biblioteca Ambulante que voltará a prestar assinalados serviços aos estudantes das escolas localizadas nos bairros e subúrbios do município.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

UM AGRADECIMENTO

Em nome da direção executiva e no de todos os membros do Conselho Curador desta Fundação, queremos expressar o profundo agradecimento ao empresário blumenauense que por nós tem sido procurado no sentido de obter apoio financeiro para a recuperação do nosso parque gráfico que é o sustentáculo das edições desta revista. A acolhida que temos tido não poderia ser melhor e hoje registramos a certeza de que o plano traçado por esta administração e aprovado pelo Conselho Curador será plenamente realizado.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Séara Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

